

A consciência dos seres vivos¹

Manoela Coscarella*

Nesta resenha do livro *The feeling of life itself: why consciousness is widespread but can't be computed* irei tratar do capítulo 14, cujo nome é “Is consciousness everywhere?”, e o autor, Christof Koch (2019). A análise visa refletir o conceito de “consciência” em alguns segmentos categoriais, como o pampsiquismo, a teoria da informação integrada (TII), a filosofia analítica e o positivismo lógico. Esses dois últimos serão discutidos brevemente numa tentativa de comparar a teoria contemporânea – TII – àquelas mais antigas, como o pampsiquismo. No capítulo referido é observado como os seres vivos se relacionam no sentido da consciência. Mesmo os seres menores, como protozoários, podem ter um nível de consciência e de experiência no mundo.

Antes da apresentação efetiva do capítulo, é mister que se discuta alguns conceitos que serão aqui tratados, como o de pampsiquismo¹, que seria a teoria padrão da filosofia da mente. O pampsiquismo define consciência não como uma capacidade de refletir sobre a própria existência, mas como a capacidade de experimentar o mundo de alguma maneira – sentir dor ou prazer, ouvir sons e ver paisagens. Pode ser tratado também como qualquer doutrina ou crença que defenda que toda a matéria, por menor que seja, é dotada de consciência individual. Pensando nesse conceito da palavra, podemos chegar à ideia de TII.

* KOCH, C. *The feeling of life itself: why consciousness is widespread but can't be computed*. Cambridge: MIT Institute, 2019. 264 p. ISBN: 978-0-262-04281-9.

** Manoela Moreira Coscarella, PUC Minas, Professora de Português, especialista em Gestão Escolar pela USP e mestranda em Linguística pela PUC Minas, orcid.org/0000-0002-2366-5721

1 De acordo com o site Wikipédia, o termo “pampsiquismo” tem origem no termo grego pan (πᾶν: “tudo, todo”) e psique (ψυχή: “alma, mente”); representa o centro unificador da vida mental dos seres humanos e de outras criaturas vivas. Psique vem da palavra grega ψυχή (psukhō, “sopro”) e pode significar: vida, alma, mente, espírito, coração e “sopro da vida”.

A teoria da informação integrada da consciência (TII), proposta em 2004 por Giulio Tononi, neurocientista e psiquiatra, e adotada por outros neurocientistas, como Koch, postula que a consciência é generalizada e pode ser encontrada mesmo em alguns sistemas simples. No entanto, não sustenta que todos os sistemas estejam conscientes, levando Tononi e Koch a afirmar que a TII incorpora alguns elementos do pampsiquismo, mas outros não. Koch (2019) se referiu à TII como uma “versão cientificamente refinada” do pampsiquismo.

Diferentemente dessas vertentes teóricas, a filosofia analítica e o positivismo lógico compreendem os processos mentais de uma forma relacionada à verificação e à racionalidade. Originalmente, seu ponto comum foi a ideia de que a filosofia trata da análise do significado de enunciados linguísticos; isto é, a filosofia reduz-se a uma pesquisa sobre a linguagem. Desde os anos 1960, acabou a chamada “virada linguística”, de modo que a filosofia analítica deixou de ter qualquer comprometimento especial com a análise da linguagem. Atualmente, ela é melhor caracterizada por seu espírito científico (em sentido amplo): problemas filosóficos são tratados como questões factuais a serem resolvidas de maneira argumentativa. É muito comum o uso de ferramentas das ciências formais (como matemática, computação, lógica) e resultados das ciências naturais (como física, biologia, neurociência, psicolinguística, antropologia). Para complementar essa visão, o positivismo lógico se insere como uma corrente da filosofia analítica que rejeita toda e qualquer metafísica, contudo valoriza a ciência, o materialismo e o mundo humano, em detrimento da metafísica e do mundo espiritual.

Considerando essa explanação acerca dos conceitos de pampsiquismo, TII, filosofia analítica e positivismo lógico, é possível adentrarmos nos exemplos do capítulo que irão contribuir com as explicações aqui discutidas. Segundo Koch (2019, p. 198), existe uma evidência empírica de que muitas espécies experimentam o mundo. Isso se baseia na semelhança de seu comportamento, fisiologia, anatomia, embriologia e genômica para os humanos, pois somos o árbitro final da consciência. Algum nível de experiência pode ser encontrado em organismos, inclusive em protozoários e outras formas de vida de uma única célula. A experiência pode nem mesmo ser restrita a entidades biológicas, mas pode se estender para os sistemas físicos não evoluídos anteriormente considerados carentes da composição do universo.

No entanto, é preciso dizer que há uma dúvida sobre até que ponto a consciência é compartilhada por todo o reino animal, sem falar em todo o vasto domínio da vida. De acordo com Koch (2019, p. 200):

Cada organismo vivo descende de uma linhagem contínua desde o último ancestral comum universal. A evolução explica não só a composição de nossos corpos, mas também a constituição de nossas mentes. Dadas as semelhanças no âmbito comportamental, fisiológico e anatômico, o *Homo sapiens* e outros mamíferos experimentam os sons, as visões, as dores e os prazeres da vida, embora estes não necessariamente tão ricamente como nós, seres humanos, fazemos. (KOCH, 2019, p. 200).

Uma inferência semelhante pode ser feita para outras criaturas com uma espinha dorsal, os peixes. A árvore da vida é povoada por uma multidão de invertebrados que se movem, sentem seu ambiente, aprendem com experiência anterior,

exibem todas as armadilhas das emoções, comunicam-se com outros insetos, vermes e assim por diante. Darwin, em um livro publicado em 1881, intitulado *The formation of vegetable mould through the action of Worms* (1881) queria “aprender até que ponto os vermes agiam conscientemente e quanto poder mental eles exibiam”. Segundo Koch (2019, p 200):

Estudando seus comportamentos alimentares, Darwin concluiu que não havia limiar absoluto entre animais complexos e simples que atribuíam poderes mentais superiores para um, mas não para o outro. Ninguém descobriu um rubicão que separasse as criaturas sencientes² das não sencientes. (DARWIN, 1881 apud KOCH, 2019, p. 200).

A riqueza e a diversidade da consciência animal diminuem à medida que seu sistema nervoso se torna mais simples e mais primitivo, eventualmente se transformando em uma rede neural fracamente organizada. Conforme o ritmo de montagens subjacentes se tornam mais lentas, a dinâmica das experiências dos organismos também diminuirá. A experiência requer um sistema nervoso? Não há essa resposta. Em relação a isso, é possível tratar da teoria da informação integrada da consciência (TII), que responde precisamente à questão de quem pode ter uma experiência:

Qualquer coisa com um valor diferente de zero possui um máximo de informações integradas; qualquer coisa que tenha causalidade intrínseca é um todo. O que esse todo sente, sua experiência, é dada por sua estrutura de causa e efeito maximamente irreduzível. Quanto existe é dado por sua informação integrada. (KOCH, 2019, p. 201).

² De forma a tornar clara a explanação, é preciso dizer que “senciente” seria a capacidade dos seres de sentir sensações e sentimentos de forma consciente.

A teoria não estipula que o máximo deve exceder 42 ou qualquer outro limiar mágico para que a experiência seja ativada. Qualquer coisa com o máximo maior do que zero existe por si mesmo, tem uma visão interna e tem algum grau de irreducibilidade. E isso significa que existem muitos “todos” circundantes. Segundo Koch (2019, p. 202), ao considerar a arquitetura neural de criaturas muito diferentes de nós, como a abelha, somos confrontados por vastos e indomados neurônios – cerca de um milhão de neurônios em um volume do tamanho de um grão de quinoa, uma densidade de circuito dez vezes maior do que de nosso neocórtex (do qual temos muito orgulho). É provável que esse pequeno cérebro forme uma estrutura de causa-efeito maximamente irreducível.

As informações integradas não são sobre processamento de entrada-saída, função ou cognição, mas sobre poder intrínseco de causa-efeito. Tendo se libertado do mito de que a consciência está intimamente relacionada à inteligência, a teoria é livre para descartar as “algemas do sistema nervoso e localizar o poder causal intrínseco em mecanismos que não computam qualquer sentido convencional”. De acordo com Koch (2019, p. 203):

Um caso em questão é o de organismos unicelulares, como Paramecium, o microrganismo descoberto pelos primeiros microscopistas no final do século XVII. Os protozoários impulsionam-se através da água por movimentos de chicote, além de detectarem obstáculos, alimentos e respostas adaptativas. Por causa de seu tamanho minúsculo e habitats estranhos, não pensamos neles como sencientes. Mas eles desafiam nossos pressupostos. (KOCH, 2019, p. 203).

Considerando esses exemplos, é possível identificar o nosso preconceito quanto à consciência dos seres vivos, achamos que

a nossa capacidade é superior e única, todavia através desta viagem no universo dos animais e dos organismos tiramos a conclusão de que sabemos muito pouco.

O trabalho desenvolvido por Koch (2019) me remeteu ao filme *A árvore da vida* (2006), do diretor Terrence Malick, no qual se discute a metafísica em relação à problemática da vida e morte conforme o critério de vastidão do cosmos. O filme investiga o espaço interior em relação ao espaço exterior por meio do mito da árvore da vida³. Para que se possa entender o enredo do filme, Pisters (2016) elucida bem isso na seguinte passagem:

A árvore da vida nos mostra as memórias da infância de Jack (Sean Penn), que trabalha como um arquiteto na área mais moderna do centro de uma cidade americana (Atlanta). Ele se lembra do seu pai, mãe e dois irmãos, sendo que um morreu aos dezenove anos. No entanto, essas memórias não são apresentadas de forma direta. Os eventos são lembrados como fragmentos não cronológicos e são pontos iniciais para reflexão sobre assuntos maiores – morte e vida. (PISTERS, 2016, p. 120).

À luz de Pisters, a memória de Jack é parte importante na história, pois é através dela que nós, espectadores, podemos entender algumas lacunas e inferir a personalidade de Jack e sua relação com a família, por exemplo. Essa elocubração dialoga com o conceito de consciência aqui esmiuçado, uma vez que a consciência é feita de experiências sensoriais e mentais (no momento presente, como no passado e numa projeção do futuro). Somos feitos de memórias e são elas que nos permitem transitar de um lugar a outro. De acordo com Pisters (2016):

³ O mito universal da *Árvore da Vida*, também chamada de *Árvore do Mundo*, está relacionado com a gênese do universo, da humanidade e do conhecimento. A *Árvore da Vida* era vista como a mãe primordial, um elemento feminino que gerava e distribuía a vida e tinha ainda o dom de atribuir a palavra.

Em *A árvore da vida*, essa subjetividade do ser está relacionada com as memórias de Jack – viajamos em suas memórias – e sua imaginação. Vemos Jack em sua presença como arquiteto em uma grande, porém vazia, cidade moderna. E vemos Jack em sua infância com seus irmãos, com seu pai e sua mãe. (PISTERS, 2016, p. 121).

O conceito de subjetividade está diretamente relacionado à consciência, principalmente no que se refere “às abordagens da consciência que têm sido associadas à questão dos estados mentais, ou à percepção subjetiva dos qualia” (NAGEL, 2005). E o que é mais instigante, considerando a narrativa do personagem Jack – que se distingue de tantas outras –, é que:

[...] mesmo que a estrutura anatômica ou a estrutura funcional possam ser equivalentes para muitos sujeitos e até mesmo as interações em nível cortical, a experiência de cada um com maçãs, laranjas e as cores dos semáforos pode fazê-los um pouco diferentes. (NAGEL, 2005).

Isto é, cada pessoa possui suas particularidades e sua perspectiva sobre um dado objeto. Isso pode ser expandido também para os animais e os microrganismos que experienciam o mundo à sua maneira.

Retomando o capítulo, hora de abordar um pouco o pampsiquismo. Segundo Koch (2019, p. 204), comum ao pampsiquismo em suas várias formas é a crença de que a alma (psique) está em tudo (pan) ou é onipresente; não apenas em animais e plantas, mas até os constituintes finais da matéria – átomos, campos, fios ou o que quer que seja. O pampsiquismo pressupõe que qualquer mecanismo é consciente, é feito de partes conscientes ou faz parte de um todo consciente maior. A TII compartilha muitos insights com o pampsiquismo, a

começar pela premissa fundamental de que a consciência é um aspecto intrínseco essencial da realidade. Ambas as abordagens argumentam que a consciência está presente em todo o reino animal, em vários graus. A filosofia analítica e o positivismo lógico, diferentemente das duas últimas apresentadas, não lidam com o mental.

Dessa forma, essa reflexão chega ao fim e, considerando o que foi discutido anteriormente, é possível afirmar que a experiência da consciência não diz respeito ao cérebro somente. Certos aspectos da experiência são internos, enquanto um vasto universo de sentimentos possíveis estão fora. Os seres humanos, mesmo com um aparato físico similar, conseguem atribuir sentidos múltiplos às experiências do mundo, o que os tornam sujeitos únicos ontologicamente falando. Em relação aos animais, eles também possuem consciência e experiência sobre si mesmos e o universo, não da maneira que conhecemos, por meio da recursividade ou das memórias que nos permitem refletir sobre as nossas ações e fazer projeções, mas através de inteligências que lhes possibilitam sobreviver, adaptar-se ao meio e ir em busca de alimento e proteção.

Referências

KOCH, Christof. **The feeling of life itself: why consciousness is widespread but can't be computed**. Cambridge: MIT Institute, 2019. 264 p. ISBN: 978-0-262-04281-9.

NAGEL, Thomas. **Como é ser um morcego?** Tradução de Paulo Abrantes e Juliana Orione. Cadernos de História e Filosofia da Ciência, Campinas, série 3, v. 15, n. 1, p. 245-262, jan./jun. 2005.

PAMPSIQUISMO. In: **WIKIPÉDIA**. São Francisco, CA: Fundação Wikimedia, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pampsiquismo#:~:text=O%20termo%20%22pampsiquismo%22%20tem%20origem,cora%C3%A7%C3%A3o%20e%20'sopro%20da%20vida'](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pampsiquismo#:~:text=O%20termo%20%22pampsiquismo%22%20tem%20origem,cora%C3%A7%C3%A3o%20e%20'sopro%20da%20vida'.). Acesso em: 3 dez. 2021

PISTERS, Patrícia. Uma guerra nas estrelas metafísica. Tradução de Lucia Leão, Fernanda Ceretta e Thiago Silva. In: LEÃO, Lucia (org.). **Processos do imaginário**. São Paulo: Képos, 2016. p. 115-136. Disponível em: https://www.patriciapisters.com/files/LivroCCM_PatriciaPisters.pdf. Acesso em: 3 dez. 2021.